**Questões formuladas por Jean-Baptiste Mouttet**

 Entrevista com Andréia Galvão para a imprensa francesa

 (Tradução da própria autora)

1. Como explicar essas súbitas manifestações ?

Andréia Galvão: É preciso inicialmente compreender quem convocou essas manifestações, para avaliar se elas são súbitas ou não. E aqui é necessário introduzir a questão da heterogeneidade social e política dos manifestantes, as contradições do real, para tentar estabelecer um quadro de análise. Para isso, é preciso tentar caracterizar um pouco os governos do PT. Eles são produtos de uma ampla aliança política entre setores populares (os trabalhadores organizados pelos sindicatos, os trabalhadores desorganizados e que beneficiaram de políticas sociais como o bolsa família) e setores da burguesia brasileira digamos mais nacionalistas, menos conectados com a burguesia internacional, no setor da agroindústria, da mineração, da indústria naval, da construção civil. Esses governos foram criticados pela esquerda e pela direita. Pela esquerda porque mantiveram uma política econômica conservadora, considerada como neoliberal, com uma taxa de juros elevada, uma política fiscal que limitava os recursos destinados às políticas sociais devido ao pagamento da dívida pública, das subvenções aos setores industriais que foram beneficiados por isenções de impostos, da retomada de grandes obras de infra-estrutura (principalmente hidrelétricas, portos). Assim, mesmo se essa política proporcionou resultados econômicos positivos durante esses 10 anos de governo do PT, com aumento do salário mínimo, redução do desemprego, redução das desigualdades sociais, desconcentração de renda, aumento do consumo, aumento do acesso à universidade, a esquerda criticava a insuficiência dessas políticas por conta da aliança do governo com a burguesia. Dois partidos de extrema esquerda (PSTU e PSOL)- e duas centrais sindicais a eles vinculadas (Conlutas e Intersindical), tentam, praticamente desde o início do primeiro mandato de Lula, organizar e mobilizar os trabalhadores contra o governo, sem ter obtido muito sucesso devido ao apoio popular muito elevado que ele desfrutava (Lula deixou o governo com 80% de aprovação e Dilma tinha 79% de aprovação pessoal em março de 2013 segundo o IBOPE). O PSOL foi, inclusive, criado devido a reforma das aposentadorias dos funcionários públicos promovida pelo PT em 2013. Esses partidos e essas centrais reúnem uma parte da classe média composta pelos funcionários, afetados pela reforma da previdência, por um modelo de expansão da universidade pública que se dá em condições precárias, pela transposição da lógica do privado no setor público (mediante contratos de trabalho precários, formas de avaliação de desempenho, exigências de produtividade etc.), o que eles não esperavam de um governo do PT. A direita, formada pela burguesia mais integradas aos mercados financeiros internacionais, por aqueles que vivem da especulação, da renda, e a alta classe média, sobretudo inserida no setor privado, os gestores, consultores, etc, criticavam o PT por várias razões. Há preconceito social contra a origem de Lula, uma tradição de anti-petismo, o apoio a um neoliberalismo mais rígido, um anti-estatismo, o que o PT, de certa forma, atacou ao assumir o poder. No caso específico da alta classe média, pode-se observar uma aversão às políticas sociais: ela tem raiva porque considera que o imposto que é obrigada a pagar é direcionado aos pobres que não querem trabalhar, se opõe à democratização promovida por certas políticas. Essas políticas vão contra uma concepção de meritocracia à qual a classe média é bastante apegada, à massificação do acesso à universidade (ela é contrária às cotas pra os negros ou estudantes oriundos da escola pública, esses « incompetentes » favorecidos pelo governo), ela sofre com a desvalorização dos diplomas, porque ela perde sua “distinção”. Esses dois setores de classes médias se encontraram na rua em junho, o que explica a grande heterogeneidade de reivindicações e de posições políticas. E o fizeram a partir de um movimento pela gratuidade no transporte de ônibus, um movimento formado por jovens escolarizados de esquerda, mas sem necessariamente ligação com partidos políticos. É um movimento que existe desde 2005, que tem um projeto de “passe livre” (concebido inicialmente para os estudantes, depois estendido a todos os usuários do transporte público), que protestava a cada aumento da tarifa de ônibus nas principais cidades do país, sem conseguir mobilizar muita gente, nem reverter as decisões das administrações municipais. Por que eles obtiveram êxito agora e, ao mesmo tempo, conseguiram catalisar a insatisfação que crescia à esquerda e à direita? Porque a taxa de crescimento econômico diminuiu, a inflação registrou um pequeno aumento, e por causa da intensa campanha da mídia que, em sua maior parte, faz oposição aos governos do PT. Portanto, há uma confluência de elementos de médio prazo (as críticas à esquerda e à direita) com elementos conjunturais. Paradoxalmente, duas medidas do governo federal que beneficiaram os setores populares e médios agravaram o caos do transporte: o programa Minha Casa, Minha vida, que construiu uma grande quantidade de casas populares na periferia, e a expansão do crédito, que aumentou o número de automóveis em circulação, e contribuiu também para o endividamento das famílias.

1. Diz-se que o motor das manifestações são as « novas classes médias ». Você está de acordo ?

São movimentos de classes médias, que são muito heterogêneas como mencionei, mas não de novas classes médias. Os manifestantes de esquerda são mais ligados aos funcionários, professionais liberais, que votavam no PT mas que não votam mais (uma parte passou para a extrema esquerda, outra para os verdes e para o movimento criado em torno de Marina Silva, que saiu do PT). A classe média mais tradicional aderiu às manifestações depois da repressão de 13 de junho em nome da liberdade de expressão e após a mudança de posição da mídia, que no início criticava o atentado à liberdade de ir e vir, o vandalismo dos manifestantes etc. A direita percebeu uma possibilidade de deslocar o sentido das manifestações, inicialmente contrárias ao aumento das tarifas e à má qualidade do transporte, para eleger como alvo o governo federal. Para isso, introduziu a questão da corrupção, tentando fazer dela a reivindicação principal. Trata-se de um tema presente desde 2005, quando do episódio conhecido como mensalão, e que voltou com força em 2012, quando os principais responsáveis foram julgados e condenados pelo STF . O que alguns pesquisadores chamam de nova classe média é, na verdade, um setor das classes populares que deixou o desemprego, acedeu ao consumo e aumentou sua escolaridade, às vezes entrando na universidade. São jovens que têm um emprego, mas um emprego precário, sem seguridade social, um emprego que paga baixos salários (em torno de 1,% salário mínimo, segundo Márcio Pochmann), que entraram na universidade, mas em uma universidade que apresenta inúmeros problemas: se se encontram na universidade privada, que concentra 70% das matrículas, pagam mensalidades muito altas para um ensino de baixa qualidade ; se se encontram na universidade pública, são confrontados a problemas de infra-estrutura, de permanência (alojamento, transporte, recursos para se manter sem a ajuda financeira dos pais). Eles participaram das manifestações, mas não me parece que sejam maioria.

1. Os avanços sociais implementados pelo governo foram insuficientes ?

Os avanços são concretos, eles existiram, mas as desigualdades sociais continuam. Aliás, é possível dizer que eles beneficiaram mais as classes populares e a burguesia e menos as classes médias: uma parte descendeu socialmente, quer dizer, os filhos não conseguem obter um emprego correspondente aos diplomas que obtiveram, não conseguem melhorar sua situação em relação à de seus parentes; uma parte tem dificuldades para manter seu nível de vida porque os serviços públicos, principalmente a escola, a saúde e o transporte, são de má qualidade e é preciso gastar muito dinheiro para pagar escola particular, seguro de saúde, carro etc. Isso explica o caráter de classe média do movimento, que agora quer discutir a prioridade dos investimentos públicos. Ao mesmo tempo, esses mesmos avanços explicam porque a base de apoio popular do governo, isto é, os trabalhadores organizados e os beneficiários das políticas sociais, não se manifestou até o momento. As centrais convocaram um dia de paralisação e de luta para 11 de julho, na tentativa de recuperar o movimento para a defesa dos direitos sociais, que é uma agenda que pode unificar as classes populares com essa fração progressista das classes médias. Apesar de unitária, essa jornada unta movimentos com objetivos bem diferentes: os aliados do PT (por exemplo, a CUT e mesmo o MST), que tentam protestar sem romper com o governo e os adversários, que tentam aprofundar as manifestações para construir uma alternativa à esquerda. Quais são as consequências para o PT ? O movimento é disputado pela direita e pela esquerda. A direita tenta minar o apoio ao governo, desidratá-lo, tendo em vista as eleições de 2014. Alguns aliados do governo temeram, num dado momento, um golpe de Estado, não exatamente um golpe militar, mas um golpe através do Judiciário, como no Paraguai, responsabilizando Dilma pelo desvio de recursos, pela corrupção, algo que existe em todos os níveis de governo e que concerne todos os partidos políticos, mas o alvo da direita é o PT. Há aqueles que falam em impeachment, que buscam impedir Dilma de se manter no poder, que a acusam de terrorista (devido a seu passado de guerrilheira na época da ditadura), que falam em “exterminar a raça” do PT. Uma alternativa à esquerda depende da capacidade dos movimentos sociais e partidos de esquerda de intervir nessa conjuntura de uma maneira que eles ainda não conseguiram fazer, de um lado porque as centrais sindicais majoritárias e os movimentos se distanciaram das ruas nesses 10 anos de PT no poder (um governo considerado aliado e com o qual se podia negociar através dos canais institucionais que ele criou) substituindo a mobilização pelo diálogo, pela concertação; de outro lado porque os grupos que aderiram às manifestações são em grande parte antipartidários. Todos os partidos de esquerda foram hostilizados nas maiores manifestações, não apenas pelos grupos de extrema direita, os skinheads, mas também pela classe média mais tradicional, que joga todos os partidos e políticos na vala comum da corrupção. moyenne plus traditionnelle, qui jete tous les partis et tous les politiciens dans le fossé commum de la corruption. A crítica ao sistema político tem um aspecto positivom ela pode permitir a mudança das instituições para aprofundar a democracia, mas a maneira generalizada pela qual ela está sendo feita apresenta o risco de uma deriva nacionalista e no limite fascista. Palavras de ordem como “o gigante acordou”, “acorda Brasil”, “muda Brasil”, a bandeira brasileira como única bandeira aceita nas manifestações, tudo isso é perigoso. O Brasil não tem uma extrema direita organizada como a França, mas ela pode crescer e ganhar força.

1. A oposição pode se beneficiar ?

Sim, pelas razões que enunciei anteriormente. O governo perdeu apoio (as sondagens indicam queda de 63% em março para 55% em junho segundo o Ibope, e de 57% para 30% segundo o Datafolha, uma queda maior entre os de renda mais elevada). O PT não constitui mais uma alternativa para vários movimentos sociais e para os segmentos de classes médias mais intelectualizados. A opção que o PT assumiu para ganhar o poder e manteve depois de tê-lo ganho em nome da governabilidade tem um preço a pagar. Ele se aliou aos partidos conservadores, de direita, e ao fazê-lo perdeu a bandeira da ética na política, ao mesmo tempo em que promoveu uma política social insuficiente, pois não se engajou em mudanças profundas, não confrontou os interesses dominantes. Ele promoveu uma despolitização, na medida em que neutralizou os movimentos sociais mais importantes (inclusive os sindicatos) – há quem fale em cooptação. Por outro lado, o governo pode tirar algumas lições das ruas. Ele pode se apoiar nas manifestações para melhorar as políticas públicas, para fazer uma reforma política que reduza o peso do poder econômico nas eleições, para fazer uma lei de meios que reduza o monopólio do setor de comunicação, para estabelecer uma lei contra a corrupção, mas isso vai desestabilizar a coalizão que o sustenta. Pode ser o fim da política de conciliação de classes.

1. Podemos traçar um paralelo com maio de 1968 ?

Por enquanto penso que não. É verdade que a maior parte dos manifestantes é formada por jovens universitários, que querem uma outra política, mais horizontal, que questionam a maneira pela qual a democracia representativa é estabelecida, que demonstram um desejo de viver de outra forma, que querem poder ocupar a cidade, e que tudo isso tem um sentido utópico e de mudança profundo. Mas eu não vejo uma perspectiva libertária clara. A parte mais autonomista dos manifestantes é aquela ligada ao movimento do Passe Livre, que é pequeno em relação à amplitude adquirida pelas manifestações ; os partidos anti-capitalistas são minoritários e tem diferentes concepções de socialismo; ou seja, os manifestantes não possuem um projeto político bem definido. A meu ver, a maior parte daqueles que se manifestam não são nem autonomistas, nem anti-capitalistas, são insatisfeitos, pelas diferentes razões que evoquei. Mas é preciso esperar a greve de 11 de julho para ver quais serão os desdobramentos, se a classe média progressista e os trabalhadores vão se soldar.